

## **Modos de percepção do significante ou mapeando os indícios da circularidade de sentidos**

*Elisangela Carlosso Machado Mortari<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O texto discute a circulação dos sentidos sob a luz do referente semiológico acionado nos campos discursivos da saúde e jornalístico. A proposta articula as mensagens construídas pela assessoria de imprensa de hospitais públicos e os impactos que a matéria significativa provoca na construção dos textos jornalísticos. A circularidade dos sentidos está ancorada na semiose infinita e é deflagrada no espaço da percepção e nos efeitos de reconhecimento que provoca nos interlocutores.

### **Palavras-chave:**

Percepção ; referente ; significante

### **Abstact**

The text discusses the circulation of the senses in the light of the semiological referent triggered in the discursive fields of health and journalism. The proposal articulates the messages built by the press office of public hospitals and the impacts that the significant matter causes in the construction of the journalistic texts. The circularity of the senses is anchored in the infinite semiosis and is triggered in the space of perception and the effects of recognition that it provokes in the interlocutors.

### **Keywords:**

Perception; reference; significant

***Deni Zolin: "Uma cena doída e revoltante que se repete há 20 anos no PS do Husm"***

*(.....) O mais triste e revoltante é que, desde que comecei a trabalhar na RBS TV, em 1998, já fiz inúmeras reportagens sobre superlotação no Husm e mostramos inúmeras vezes os corredores cheios de pacientes, como forma pressionar – se a imprensa não cobrasse, talvez a situação estaria ainda pior. Em quase 20 anos, o que mudou? Lembro que, há 10 anos, quando o PS foi reinaugurado, com mais leitos, havia a promessa de acabar com a superlotação. Não durou muito, e o problema voltou. (...)*

*Diário de Santa Maria, editoria Opinião. Publicada em 27/06/2016*

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Professora Associada do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, Líder do Grupo de Pesquisa Cnpq Comunicação e Discursos Sociais.

Este estudo pretende refletir acerca das etapas de circulação dos sentidos apreendidos da agenda noticiosa de instituições hospitalares de saúde pública. Para tanto acompanha os três momentos formadores da experiência textual e da prática discursiva: a produção, a mediação e o reconhecimento. Segundo, Fairclough (2016) deve-se pensar

primeiramente, como significados passam de um texto para outro, eles estão abertos à transformação. Os significados não circulam simplesmente sem mudanças entre os textos. O movimento de significados envolve tanto a continuidade quanto a mudança e, eu acrescentaria, a quantidade de mudança e continuidade depende da natureza dos eventos e textos para onde os significados mediados se movem. Em segundo lugar, a possibilidade de transformação sugere que esses significados mediados introduzem processos de produção de sentido como parte dos recursos para a produção do significado.(p.20)

O lugar de partida desta aventura sobre os usos da linguagem é o da semiologia, especialmente no entendimento da pragmática nas relações de interlocução e de interação. Para tanto o estudo se apoia em conceitos como o da circularidade dos sentidos, entendendo a circulação como “de modo preciso o processo para o qual o sistema de relações entre condições de produção e condições de recepção é, por sua vez, socialmente produzido” (VÉRON, 1980, p.108). A proposta demora-se na observação de que quando o produtor de um acontecimento recorta a cena cotidiana e passa a recontá-la, aciona a percepção de sujeitos que conduzem os fatos para fora do seu lugar comum, provocando uma seleção de signos que passam a agir num amplo circuito de significação. Continuando com o pensamento de Véron, o autor explica que a “circulação é, portanto, o nome do conjunto de mecanismos que, fazendo parte do sistema produtivo, definem as relações ente ‘gramática’ de produção e ‘gramática’ de reconhecimento para um discurso ou um determinado tipo de discurso.” (p.108)

A percepção que desencadeia a circularidade dos sentidos deflagrados pelo processo signico, não parte da visão simplista que explora “o que percebemos”, mas persegue os diferentes argumentos que são construídos sobre as condições de percepção. Não é um recorte do que se vê e do que é reproduzido a partir da sua existência material, mas “o fato de que os sentidos às vezes nos enganam não o leva a suspeitar de que as coisas não são o que são – mas talvez uma pessoa mais reflexiva fosse levada a pensar assim.” (AUSTIN, 1993, p.17) Nesse entendimento, sempre que se percebe alguma coisa, há uma entidade intermediária que informa sobre algo dela mesma. A questão da

circularidade dos sentidos, sabedora dessa mediação, problematiza para a seguinte questão: “podemos ou não confiar no que ela nos diz?” Segundo Silverstone, 1993,

A mediação implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para a sua produção. (...). Os significados mediados circulam em textos primários e secundários, através de intertextualidades infindáveis, na paródia e no pastiche, no constante replay e nos intermináveis discursos, na tela e fora dela, em que nós, como produtores e consumidores, agimos e interagimos, urgentemente procurando compreender o mundo.

O estudo persegue a circulação dos sentidos nos campos da saúde e do midiático. E entende que a produção de sentidos “é uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso” (SPINK, 2004, p. 42). Os sentidos são oriundos de um complexo sistema linguístico que incidem sobre uma matéria significante e cujo suporte é um enunciador (VERON, 1980). Os sentidos circulam na sociedade através do tempo longo – aquele constituído pelo conhecimento produzido e reinterpretado por diferentes domínios de saber, do tempo vivido ou aquele que corresponde às experiências da pessoa no curso de sua história pessoal e do tempo curto, o do acontecimento, da dialogia e da concorrência de múltiplos repertórios que dão sentido à experiência humana. Segundo SPINK “para compreendermos o modo como os sentidos circulam na sociedade é necessário considerar as interfaces desses tempos – longo, vivido e curto -, nos quais se processa a produção de sentidos” (p. 53).

Essa construção dos sentidos a partir do processo de significação deflagrado pelos modos de percepção apontam para a recontextualização dos campos: o campo da saúde pública, por exemplo, passa a ser ressignificado através do campo midiático. Os processos de recontextualização, incluindo os processos de mediação, permite a ação ideológica e altera a percepção do fato:

Um discurso descontextualizado de sua relação dialética com outros elementos de uma área ou rede de práticas sociais se torna imaginário, frequentemente funcionando de uma forma metafórica na re-imaginação de aspectos do campo ou práticas que são recontextualizadas (a re-imaginação das relações acadêmicas-estudantis na educação de nível superior como relações consumidor-produtor), e claramente abertas à encenação, inculcação e materialização. (FAIRCLOUGH, 2016)

Nesse entendimento, observa-se que a recontextualização aciona discursos que apontam para modos de agir, modos de ser e modos de seduzir e que remetem a circularidade dos sentidos dados no ato da percepção. Para Véron, “a lógica natural que habita tanto o discurso como a ação, é o próprio trabalho da ideologia sobre as matérias significantes” (1980, p. 61).

Para levar a cabo essa proposta e alcançar os resultados esperados, a metodologia passa pelo enquadramento dado para o campo da saúde pública nas rotinas jornalísticas dos jornais Diário de Santa Maria e Zero Hora (ambos do Rio Grande do Sul) e avaliando as manifestações discursivas dos leitores e das instituições hospitalares públicas através das redes sociais digitais. Seguindo com Fairclough, questiona-se o que diferencia um texto midiático de outros textos, o que ele aponta que: “eu vejo os textos midiáticos como uma classe de textos que são especializados em mover recursos para produção de significado entre textos, e, mais abstratamente, entre diferentes práticas sociais, campos, domínios e escalas da vida social.” É num novo contexto, portanto, que o sentido é produzido, o campo midiático passa a representar o universo cotidiano através de repertórios oferecidos pelos intermediários dos fatos.

A circularidade dos dados percebidos parte de uma apropriação da língua que sob a matéria significativa estabelece as gramáticas de produção e de reconhecimento. Esse enquadramento se multiplica na forma de “release” – uma prática desenvolvida pelos facilitadores do olhar – as assessorias de comunicação. A escolha dos indícios que compõem a imagem projetada do real é guiada por gramáticas ou conjunto de signos. Atravessadas por esse lugar simbólico que se apropria das gramáticas oriundas do próprio dispositivo, o recorte de real realizado pelos sujeitos das chamadas assessorias, provocam um novo impulso discursivo: são os significantes que sensibilizam a percepção dos sujeitos que se encontram no jogo discursivo e que fazem parte do universo simbólico dos dispositivos midiáticos – as redações jornalísticas. O enquadramento jornalístico age no que Austin denominou como ‘argumento da ilusão’. Segundo o autor as condições de observação determinam a natureza da aparência, ou seja, o que é percebido nunca é percebido diretamente. Da mesma forma que a familiaridade com as coisas e a antecipação dos fatos, embota a percepção e modifica o modo de olhar.

## As condições de produção: a matéria significante

Pensar a matéria significante no uso da linguagem implica entender a natureza pragmática e os pressupostos semióticos de Peirce segundo sua visão tricotômica. A unidade linguística que atribui sentido as coisas dadas no mundo e colocadas em relação, ou seja, implicadas na posição de um referente. Portanto, descarta-se o lugar semiológico de Saussure que entende o signo a partir da polaridade significante (imagem verbal) e significado (imagem mental) e aciona-se o enquadramento lógico peirciano que define signo como

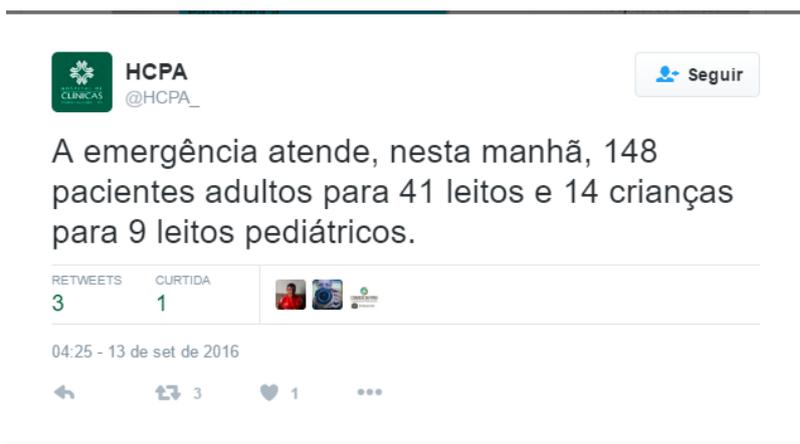
Qualquer coisa que está para alguém em lugar de qualquer coisa sob uma relação ou a um título qualquer. Dirige-se a alguém, isto é, cria no espírito dessa pessoa um signo equivalente ou um signo mais desenvolvido. Este signo que ele cria, chamo-o interpretante do primeiro signo. Este signo está em lugar de alguma coisa : do seu objeto. Está em lugar deste objeto, não sob todos os aspectos, mas por referência a uma espécie de ideia que designei algumas vezes o fundamento do representamen. (PEIRCE 1931-1958, p. 2.228)

O valor empregado ao referente na perspectiva de Peirce, portanto, proporciona a circularidade ativa e manifesta nos fenômenos que ocorrem do lugar do observador – ou interpretante (imediate e dinâmico), como classificou Peirce. A circulação dos sentidos reside na dinâmica da semiose ilimitada porque abriga na própria definição de signo o processo de geração dos interpretantes. Ora, se para este estudo o espaço do observador é central no jogo discursivo travado entre a instância da produção e a instância da recepção é porque há o entendimento do sentido enquanto uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual os observadores constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta.

No campo da saúde, as relações pragmáticas ocorrem mediante a elaboração dos sentidos entre os interlocutores que negociam os processos de significação a partir das suas experiências nas dimensões semânticas e sintáticas e as formas de referencialidade ao fato relatado. A rede hospitalar pública é sistematicamente referenciada com lugar de descaso, negligência e superlotação. Os enunciados que partem dos dispositivos midiáticos controlados pelas instâncias de produção jornalística se referem ao acontecimento com a seguinte estrutura semântica “*Superlotadas, emergências dos hospitais de Porto Alegre vivem momento crítico*” (Zero Hora, 08/07/2016); “*HUSM, 15 anos de pronto socorro, 15 anos de luta pela cura da superlotação*” (Diário de Santa Maria, 18/07/2016). Em

ambos enunciados observa-se que o fato narrado possui o mesmo núcleo semântico – superlotação – além de haver uma interpenetração de vozes do discurso médico na fala jornalística: “momento crítico”, “luta pela cura”. Entende-se, portanto, que a linguagem é uma prática social e, conforme explica Bakhtin, na construção dos enunciados as vozes se confrontam e podem estar espacial e temporalmente distanciadas, provocando o que o autor denominou de dialogismo.

Conhecedora dessa articulação enunciativa efetivada pelas instâncias jornalísticas, as assessorias de comunicação tomam o lugar de produção do material significativo através do seu turno de fala. Através da rede social “*twitter*”, o Hospital de Clínicas de Porto Alegre antecipa a enunciação que modela o discurso da “superlotação” nos outros dispositivos midiáticos:



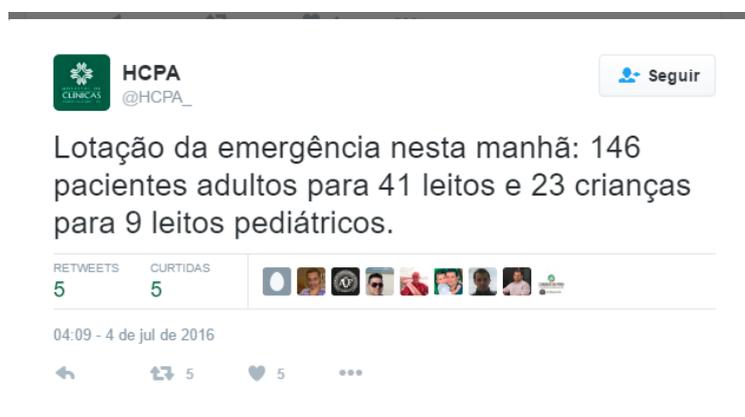
Ao usar essa estratégia como espaço de referência para a visibilidade do significativo e sabendo da dimensão performática do uso da linguagem, a assessoria de comunicação do HCPA institui regras de emprego do que pode ser dito para a construção dos núcleos semânticos desenvolvidos nas instâncias de produção jornalísticas. Por exemplo, ao mostrar números brutos e não percentuais e ao aproximar o signo linguístico ao referente, as assessorias de comunicação desestabilizam a percepção comum do contexto jornalístico. Searle (1981) já discutia essa estratégia discursiva ao estudar os atos de fala. Para o autor,

O acto de fala, ou actos de fala executados na enunciação de uma frase, são função da significação da frase em questão. A significação de uma frase não permite determinar em todos os casos, de modo unívoco, qual o acto de fala realizado na enunciação desta frase particular, pois um locutor pode querer dizer mais do que

efetivamente diz; entretanto, sempre lhe é possível, em princípio, dizer exatamente o que teve a intenção de dizer. (p.28)

As práticas discursivas se constituem, portanto, em atos de fala e passa-se a operar no texto através de matérias significantes que deflagram o comportamento das instâncias de produção através do uso da linguagem. Apropriando-se da voz do assessor de imprensa, o discurso jornalístico adota o lugar colaborativo de ampliação do discurso:

a) Twitte postado pela assessoria de imprensa do Hospital de Clínicas



b) Matéria publicada pelo Jornal Zero Hora

***Emergência pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre está superlotada***

*Atendimento para adultos também sofre com o problema*

04/07/2016 - 11h19min |

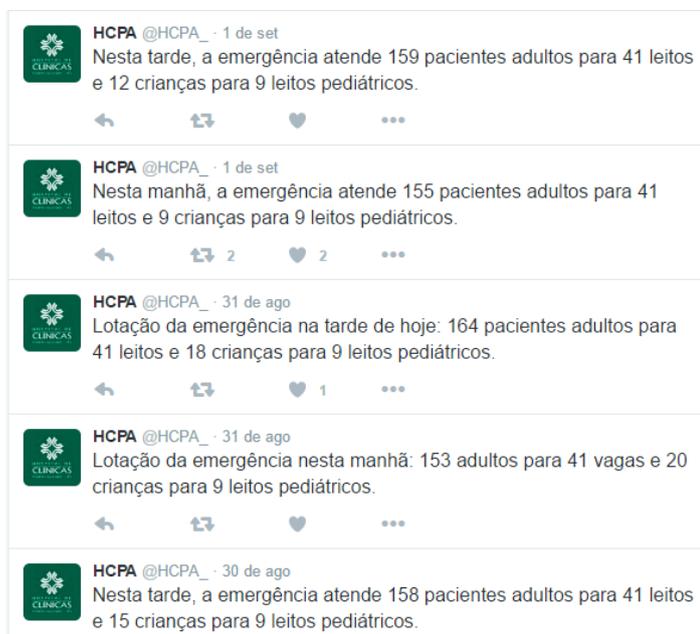
*Com nove vagas disponíveis, a emergência pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre opera com quase **o triplo** da capacidade. São 25 crianças sendo atendidas nesta segunda-feira, o que provoca **restrição no serviço**.*

*Apenas pacientes com risco iminente de morte estão sendo atendidos. O problema se repete na emergência de adultos, onde há 146 pessoas para 41 leitos. Através da sua assessoria de imprensa, a instituição orienta a população que procure postos de saúde e unidades de pronto atendimento nos casos mais simples.*

A percepção signica no entendimento jornalístico reproduz os dados divulgados pela rede social embora aja sobre o significante ao substituir a relação “de.... para” pelo numeral multiplicativo “triplo”, enfatizando a função adjetiva do signo. O

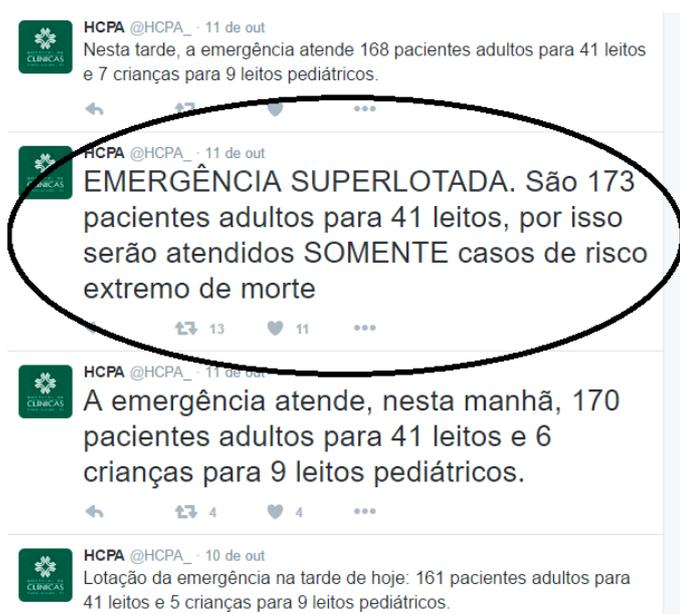
estabelecimento dessa função substitutiva do significante afeta o processo interpretante do signo porque a forma como um signo representa seu objeto afeta imediatamente a percepção do fato relatado. Ao usar “triplo” e não “23 crianças para 9 leitos”, o discurso jornalístico permite-se acionar o recurso semântico presente na palavra “superlotada”, que ao final do primeiro parágrafo foi substituída por “restrição ao serviço”. A estratégia de antecipação da mensagem pela assessoria de comunicação do Hospital público deflagra uma circulação de sentidos porque há uma intencionalidade significativa que provoca uma cadeia de efeitos estimulados pela presença de outros signos.

Portanto, o acesso aos regramentos e às condições de apropriação do material significante passam a ser recontextualizadas dadas as exteriorizações da percepção do referente. O texto jornalística deixa de ser sentenciador e passa a ser parceiro da instância de produção: “*Através da sua assessoria de imprensa, a instituição orienta a população que procure postos de saúde e unidades de pronto atendimento nos casos mais simples.*” Entretanto, ao alterar, num único momento o enunciado, há um eco de vozes que ressoam no processo de interlocução, como mostra a sequencia de twittes:



Essa construção textual é mantida em sequencias diárias de mensagem na rede social da instituição de saúde. Ao quebrar o protocolo de manifestação do significante, o enunciador desestabiliza o processo de percepção, que como explica Peirce, está sob o

domínio da categoria fenomenológica da secundidade, ou seja, no lugar da dualidade, do conflito, da ação e da reação, da surpresa e do conflito. Observa-se que na mensagem do dia 11 de outubro o enunciador institucional chama para si o núcleo semântico recorrente no dispositivo jornalístico: “emergência superlotada”, em caixa alta e em fonte maior do que o habitual provocando imediatamente uma percepção do objeto que difere dos textos enunciados antes. É importante observar, nesta ação de uso da linguagem, que um o objeto determina o signo e que a primazia lógica é do signo, mas a primazia real é do objeto, por isso o entendimento de que um signo pode representar falsamente um objeto. A assessoria de comunicação do hospital legitimou o texto jornalístico usado em julho do mesmo ano quando em outubro repete a mesma condição signica para o fato a ser referenciado: “serão atendidos SOMENTE casos de risco extremo de morte”.



A cadeia de relações provocada pela substituição do material significante é acionada pelos comunicantes que tomam o lugar de fala na própria rede social.



Nenhuma outra mensagem adicionada na rede social pela assessoria do HCPA havia despertado a manifestação dos interlocutores. A construção do texto que desloca o sentido da exatidão numérica para a ação de impedimento dos atendimentos pelo hospital deflagra outras gramáticas de reconhecimento que circulam no campo da saúde pública : « agora com a PEC tudo vai melhorar », ou através do recurso da ironia, desclassificando a mensagem primeira e provocando uma recontextualização das falas : « já está tudo bem, nada precisa melhorar hahaha » e « a saúde irá se tornar um oásis ». Entretanto a principal marca a que as falas se referenciam é de outras vozes que aportam na mensagem adicionada pelo hospital : a voz da política que remete a uma declaração do então candidato à prefeitura de Porto Alegre e atual vice-prefeito da cidade em seu programa político. Uma das mensagens chega a ser endereçada ao político : « @sebastiaoMelo (...) disse que a saúde é um assunto que está sendo muito bem tratado ».

O mesmo atravessamento de vozes entre o discurso da saúde, o jornalístico e o político ocorre na edição do jornal Diário de Santa Maria que publica a matéria sobre o impedimento de hospitais da região central em receber pacientes para amenizar a « superlotação ».

## DIÁRIO

### Diário de Santa Maria

6 de setembro às 16:15 ·

Direção já está em tratativas para que outra instituição passe a ofertar vagas



Hospital da região deixa de receber pacientes transferidos do Husm

Após a publicação do texto no facebook do jornal, vários interlocutores se manifestaram, alguns estabelecendo a relação com o poder do estado na mudança do atual cenário da saúde pública :



[Angélica Soares](#) Só falta o querido governador liberar o hospital regional de santa maria para atender quem necessita!!!

[Participar](#) · [Responder](#) · 2 · 6 de setembro às 16:57



[Iba Maria Guidolin](#) Queremos o hospital regional...diretas jaaaaaa

Notícias de retaguarda 06/09/2016 | 15h22 Atualizada em 06/09/2016 | 15h22

Pretende-se mostrar com essas mensagens contruídas ao longo das experiências de sujeitos que se enfrentam diariamente com acontecimentos e que precisam provocar a transposição do fato para o universo da linguagem é, portanto, que há uma presença marcante do referente na circulação dos sentidos. O referente, segundo Rodrigues (2005), é

Aquilo a que nos referimos quando falamos, uma construção do discurso, ao passo que a realidade é aquilo que pressupomos como existente, mas que, em si mesma, escapa a qualquer possibilidade de referência, na medida em que não pertence propriamente ao mundo humanamente experienciado. (...) o referente é, por

consequente, uma realidade do discurso ou uma construção da linguagem. Só podemos designar aquilo que a linguagem permite referir (...) (p. 63,64)

A circularidade dos sentidos pode ser observada do lugar do referente. É deste espaço, portanto, que a matéria significante é acionada para provocar os efeitos que irão reconduzir a outras redes de produção signica. No campo da saúde pública esses acionamentos estão travando disputas de ambientes discursivos de tomada de turnos de fala que garantam o olhar para o referente a partir do enquadramento intitucional, jornalístico ou político.

Dessa forma, se insiste na observação destes cenários para que se contribua com estratégias discursivas que beneficiem a condição de entendimento das mensagens pelo usuário da rede pública de saúde, fugindo de posicionamentos institucionais que fomentam um referente falacioso ou de campos discursivos que geram sempre os mesmo sentencimentos à rede hospitalar pública.

#### Referências Bibliográficas

AUSTIN, John. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

DIJK, Teun van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. Da UnB, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. **A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção**. In: SOUZA, Mauro Wilton (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FAUSTO NETO, Antonio. **Comunicação e mídia impressa: Estudo sobre a AIDS**. São Paulo: Hacker, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos em comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MOUILLAUD, Maurice. **O Jornal – da forma ao sentido**. Brasília: Ed. UnB, 2002.

PEIRCE, Charles S. **Collected Papers**, 8 volumes. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1931-1958.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **A partitura invisível : para uma abordagem interactiva da linguagem**. Lisboa: Edições Colibri, 2005.



SEARLE, John. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.